

NEGÓCIOS INICIATIVAS OS SEGUROS EM PORTUGAL

Os cenários de incerteza para a indústria de seguros

É expectável um abrandamento económico significativo. O impacto será mais intenso na venda de produtos de poupança com maior risco financeiro e em ramos não vida ligados à atividade económica.

FILIPE S. FERNANDES

A segunda década do século XXI, que começou com uma crise financeira e está a terminar com uma crise sanitária de profundos impactos económicos e financeiros, tem sido marcada por um longo inverno das taxas de juro baixas na Europa e nos Estados Unidos.

Mas é a conjugação entre as taxas de juro baixas e os efeitos da crise pandémica de covid-19 que cria, como refere Nelson Machado, CEO Vida e Pensões do Grupo Ageas Portugal, um “contexto incerto e imprevisível, em que não podemos afirmar com segurança quais serão os impactos específicos, por isso temos de equacionar várias possibilidades”.

Estes cenários prospetivos têm como determinantes a evolução da pandemia e da situação epidemiológica e a resposta que os diferentes agentes económicos darão neste contexto para tentar estimar o impacto na economia como um todo e por consequência no negócio dos seguros.

“Sabemos que as consequências económicas desta crise afetarão de forma diferente o ramo vida

e o ramo não vida, razão pela qual estamos a considerar impactos distintos para os dois ramos com base nas tendências e na mudança de paradigma dos mesmos (por exemplo, mudanças evidentes na distribuição de seguros e nos canais mais procurados pelos clientes, na procura por produtos com maior risco financeiro, etc.)”, diz Nelson Machado.

Poupança e risco

Da análise feita pela seguradora Ageas infere-se que o impacto será mais intenso na venda de produtos de poupança que tenham maior risco financeiro, por oposição a produtos com maiores garantias, tendo em conta o perfil dos clientes portugueses. Estes, em geral, são bastante avessos ao risco e têm uma taxa de poupança muito baixa quando comparados com clientes de outros países europeus.

“É expectável que venhamos a ter um abrandamento económico significativo, com reflexo em todos os setores de atividade e naturalmente abrangendo o setor de seguros. Assim sendo, no geral perspectiva-se uma desaceleração do crescimento da produção de vida como um todo”, assinala Nelson Machado.

“Este contexto de taxas de juro baixas tem repercussões imediatas sobre a rentabilidade do portefólio de investimentos, em grande parte alocado a instrumen-

tos financeiros de dívida (pública e obrigações), e na avaliação das responsabilidades, cujo valor descontado é calculado com base nas taxas de juro de médio e longo prazo”, refere João Lapa Pereira, consultor da i2S.

Adianta que, “no caso particular das seguradoras do ramo vida, há maiores dificuldades no cumprimento das garantias contratuais no que se refere aos produtos com taxa de juro mínima garantida”.

Efeitos no ramo vida

Na opinião de João Lapa Pereira, o efeito pandémico da covid-19 vem agravar ainda mais o cenário. Em termos de indemnizações, as seguradoras poderão não ser muito afetadas dado que o risco pandémico, em muitos casos, está excluído, mas os investimentos, sobretudo do ramo vida, terão a sua rentabilidade bastante afetada com perdas significativas devido à quebra acentuada nos mercados financeiros.

João Lapa Pereira aponta ainda que o impacto afeta principalmente as seguradoras de vida, na componente do investimento que visa dar cobertura aos produtos com garantia de taxa. “Importa referir que, na prática, as perdas serão na íntegra absorvidas pelas seguradoras, sendo os clientes penalizados apenas na parte da participação nos resultados que seria expectável em condições normais de funcionamento dos mercados



José Gonçalves, da Prévoir-Vie, antecipa uma redução na procura de produtos

financeiros”.

Por sua vez, a interrupção da atividade económica, os eventuais encerramentos de empresa e a quebra de atividades vão afetar sobretudo as seguradoras não vida.

Juros e seguros

Para José Gonçalves, diretor contabilístico-financeiro da Prévoir-Vie, o impacto da pandemia pela covid-19 vai-se fazer sentir. “As taxas de juro dos países periféricos da Zona Euro estão a subir bastante. A curva de taxas de juro sem risco, como a da Alemanha, está plana ou até invertida, o que só acontece em cenários de crise.”

A quebra do PIB é prevista por diversos organismos, como o FMI, que aponta para uma queda de 8% do PIB em Portugal, “o que terá impacto na redução da procura de produtos de seguros, quer de capitalização quer de puro

risco”, diz José Gonçalves.

As consequências nos seguros ou garantias de puro risco estão dependentes, segundo José Gonçalves, “do choque, que ainda está por determinar, ao nível da mortalidade e da morbilidade. Os resseguradores terão um papel importante sobre esta matéria e que, de alguma forma, já se começa a fazer sentir”.

Por outro lado, os seguros de vida risco e os seguros de saúde “poderão sofrer alterações como, por exemplo, excluir ou ter garantias específicas para os riscos pandémicos. Ao nível dos ramos técnicos, as garantias de lucros cessantes poderão vir a ser repensadas no que à abrangência destes riscos diz respeito”.

Nos seguros de capitalização, pode acentuar-se, ainda mais, a opção por se comercializarem seguros do tipo unit linked, defen-

DR

“O futuro imediato não será fácil para o ramo vida”

A vida difícil das carteiras de investimento

2020 não vai ser um ano fácil para o ramo vida. O desemprego e a perda de rendimento vão gerar um acréscimo de resgates de PPR, e dos seguros de capitalização e produtos financeiros.

Em 2019 a produção do ramo vida foi de quase 7 mil milhões de euros, tendo tido uma quebra de 13,9%. Esta produção só está acima da registada em 2011 e 2016, longe dos 12,2 milhões de euros em 2010. O grupo Ageas teve um desempenho superior ao mercado, pelo que, como diz Nelson Machado, CEO Vida e Pensões do Grupo Ageas Portugal, “conseguiu mitigar as perdas sofridas em vida no conjunto do ano”.

O ramo vida vai viver tempos difíceis em 2020 “É já perceptível que a atual situação vai gerar um acréscimo de resgates, quer de PPR, quer nos restantes seguros de capitalização e produtos financeiros. Os fatores são óbvios, o aumento do desemprego e a quebra de rendimentos das famílias portuguesas subjacentes às medidas de confinamento levam a que as famílias recorram às suas poupanças para fazerem face a essas dificuldades”, afirma José Gonçalves, diretor contabilístico-financeiro da Prévoir-Vie.

As principais causas

Para João Lapa Pereira, consultor da i2S, esta quebra significativa tem várias causas. Radica na baixa remuneração dos produtos de poupança, que perdem atração quando comparados com outros produtos financeiros e na quebra acentuada que se tem verificado na taxa de poupança das famílias e das empresas, que tem prejudicado a subscrição de novos negócios.

A que se acrescenta o facto de os PPR terem deixado de cumprir com o objetivo social para que foram criados, devido aos sucessivos cortes fiscais de que tem sido alvo ao longo dos anos. Mesmo assim no ramo vida, os PPR aumentaram o peso, passando de 42,9% para 44,8%, apesar de a sua produção ter baixado 10%.

Para José Gonçalves esta quebra no ramo vida está ligada a estratégias adotadas, que passaram por substituir os seus produtos de capitalização tradicionais, com capital e até taxas de

rentabilidade garantida, por produtos unit linked, transferindo, desta forma, o risco de taxa juro para os seus clientes.

“Todos estes aspetos levaram a que, infelizmente, os produtos de capitalização das seguradoras de vida passassem a ser equiparáveis aos fundos de investimento perdendo, consequentemente, uma das suas características principais, ou seja, de serem poupanças seguras, destinadas ao aforro de médio e longo prazo, que é cada vez mais reduzido em Portugal”, afiança José Gonçalves.

Já Nelson Machado fala em crescer no ramo vida através de uma oferta de produtos inovadores e atrativos para os clientes. “Vamos estar focados em diversificar o portefólio de produtos vida ao longo de 2020 de modo a ir ao encontro das expectativas dos clientes e a desenhar produtos que enderecem as suas necessidades, tendo também em conta o panorama atual e o contexto que vivemos”, garante. ■

O setor segurador estava a adaptar a sua oferta de produtos e a procurar investimentos alternativos cuja rentabilidade adicional pudesse contribuir para colmatar as taxas garantidas nos produtos que foram comercializados no passado, mas esta crise veio dificultar o caminho.

José Gonçalves, diretor contabilístico-financeiro da Prévoir-Vie, explica que a procura de investimentos alternativos fazia-se através de ativos de rendimento variável como ações ou fundos de investimento de rendimento variável. Os objetivos eram obter rendimentos adicionais através de ganhos de capital e dos dividendos, que tinham vindo a aumentar.

Desde o início do ano que se registam desvalorizações bolsistas muito relevantes, nos EUA pelo menos de 15% e nos mercados europeus acima dos 20%. Segundo José Gonçalves, “é previsível que se venham a registar perdas de capital, mesmo que haja uma recuperação em V”. Nos dividendos também é expectável uma forte quebra, tanto pela forte queda dos lucros como das prováveis restrições à distribuição de lucros, sobretudo em bancos e seguradoras.

No que concerne aos títulos de dívida, também há a registar perdas potenciais importantes. A dívida pública de países da periferia da Zona Euro e a dívida de corporates também desvalorizaram bastante (a taxa implícita da dívida pública portuguesa a 10 anos passou de cerca 0,45%, para mais de 1%, desde o final do ano até meados de abril). ■

A EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DO RAMO VIDA

Em milhões de euros

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
VIDA	12.172	7.536	6.922	9.245	10.439	8.670	6.677	7.089	8.123,0	6992
Evolução (%)		-38,1	-8,1	33,6	12,9	-16,9	-23	6,2	14,6	-13,9
TOTAL	16.340	11.645	10.905	13.103	14.287	12.664	10.871	11.558	12.948,0	12201
Evolução (%)		-28,7	-6,4	20,2	9	-11,4	-14,2	6,5	11,8	-5,8

Fonte: ASF

de seguros.

de José Gonçalves. Admite que possam ser estabelecidos mecanismos, como aliás já está a acontecer, que possibilitem e facilitem os resgates ou reembolsos subjacentes a planos de pensões e de reforma quando ocorrerem surtos pandémicos. ■

7ª EDIÇÃO

OS SEGUROS EM PORTUGAL

negócios

Patrocínio:

 Liberty Seguros

Apoio:

 grupo ageas portugal

 i2S
A GI Software Company

 PRÉVOIR
Assureur Solutions Vie